

AGRICULTURA NA floresta

CADERNO DE SISTEMATIZAÇÕES DO FLORESTAÇÃO



AGRICULTURA NA

floresta

CADERNO DE SISTEMATIZAÇÕES DO FLORESTAÇÃO



floresta

AGRICULTURA NA

floresta

CADERNO DE SISTEMATIZAÇÕES DO FLORESTAÇÃO

Realização:



Patrocínio:





Sumário

7	Apresentação
8	Vivemos da força da terra A experiência do povo Tremembé da Barra do Mundaú
14	Natural da terra A experiência de Chico e Maria Pequena
22	No quintal agroflorestal brota diversidade A experiência de Iolanda Martins
28	Tem agroecologia no cercado! A experiência de José Maria Alves (Zezão) e Maria Zildene Viana de Oliveira
36	Sonhos semeando um mundo real A experiência de Maria Lúcia de Sousa
42	Guardiões da biodiversidade A experiência de Maria da Silva Soares (Mariinha) e Sebastião Rodrigues Soares
50	Um quintal de alegria, experiência e amizade A experiência de Ivânia Inácio
56	A agrofloresta da esperança A experiência de Inácia Patrícia e Emanuel de Sousa
64	Ver para crer - a descoberta da agrofloresta A experiência de Cleoneidi Barbosa
72	Agroecologia na teoria e na prática A experiência da comunidade Purão - Trairi
78	Florestação em números





Apresentação

Fazer agricultura na floresta. Assim um agricultor do **Território Vales do Curu e Aracatiaçu**, localizado no Ceará, respondeu quando foi indagado sobre o que era agrofloresta. O caderno de sistematizações de experiências do projeto Florestação vai contar dez histórias de agricultores e agricultoras do Território Vales do Curu e Aracatiaçu a partir de suas histórias de vida, das relações **com a natureza, com a Agroecologia, com a convivência com o Semiárido e a prática da agrofloresta.**

Pouco a pouco agricultores e agricultoras foram construindo **princípios agroecológicos e práticas agroflorestais** em suas áreas, conhecendo mais sobre a importância das espécies nativas e dando vida a um **Sistema Agroflorestal** bem ali no próprio quintal. A palavra para as histórias contidas nessa publicação é experimentação. É preciso ousadia para experimentar. Pois apesar da agrofloresta seguir os próprios exemplos da natureza, sempre existe muita gente ao redor que põe em dúvida o êxito da experiência que não utiliza de queimadas, brocas ou tampouco de agrotóxicos e sementes transgênicas.

E foi com essa ousadia, que agricultoras e agricultores dos municípios de Amontada, Apuiáres, Itapipoca, Trairi e Tururu participaram do projeto Florestação, realizado pelo **CETRA** com patrocínio da **Petrobras** através do **Programa Petrobras Socioambiental**. Nas próximas páginas vamos compartilhar com você histórias de agricultoras e agricultores experimentadores na prática da agrofloresta no Semiárido.

Boa leitura!

Vivemos da força da terra

A EXPERIÊNCIA DO POVO TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ

“Mãe terra eu te sinto sob os meus pés, mãe terra eu te ouço em meu coração...”

Por muito tempo a Barra do Mundaú, em Itapipoca, teve sua vocação como terra adormecida. Mais do que adormecida a terra estava acuada e fragilizada. A região do Território Vales do Curu e Aracatiaçu, no Ceará, leva sua origem indígena no nome de muitos municípios da região – apesar de ter quem diga que índio mesmo não existe por essas bandas. A identidade indígena vem sofrendo muitos ataques no intuito de deslegitima-la, no entanto, na Barra do Mundaú, o que vem ocorrendo é o fortalecimento do conhecimento ancestral, da resistência cultural e da luta pela terra.

Seu Manoel Beato, de 76 anos, nasceu e se criou na terra Tremembé e conta que em sua juventude ninguém podia se reivindicar como indígena por conta do preconceito. Hoje, apesar do preconceito e das investidas do capital imobiliário contra as terras indígenas, a comunidade está fortalecida e resiste por seu direito ancestral de viver na terra em que sempre estiveram. Seu Manoel Beato é uma das vinte pessoas da comunidade que participam do Florestação e já viu mudança em várias famílias desde que o projeto entrou em ação. “Comecei a fazer as leiras, as moitas no cercado perto da cerca. Aí passou um sobrinho meu e perguntou: o senhor não vai tocar fogo nisso aí não? Vai plantar assim? Eu digo: vou. Aí ele perguntou: E presta? E eu: Presta”, conta sobre a sua experiência em trocar as queimadas pela cobertura vegetal do solo.





A queimada era um problema na comunidade já que essa é uma atividade comum na agricultura da região. “Hoje eu vejo o povo mais interessado por causa do trabalho [do projeto], querendo se engajar. Quando foi pra começar, eu mesmo fiquei desconfiado. Como era que não ia queimar? Mas resolvi enfrentar porque o projeto era bom. A gente só sabe depois que tá dentro. Hoje eu vejo os jovens tudo se engajando... Eles que vão ficar a frente. No Florestação foi onde a comunidade decidiu não fazer mais queimada. A gente quer ver de volta a nossa mata toda reflorestada. Isso fortalece a luta indígena”, conta Paulo César Carneiro.

E, pouco a pouco, a comunidade foi construindo uma bonita experiência coletiva e solidificando os conhecimentos a partir da prática da agrofloresta. “Primeiro foi a experiência que a gente não tinha em agrofloresta. Estamos trabalhando em área verde. Nosso plantio melhorou. Eu nunca tinha tido plantio de milho assim. Todo mundo do Florestação tá em igualdade”, conta Dejacir Santos Oliveira. E complementa: “eu plantei de tudo na minha área e ganhei conhecimento sobre várias plantas como o sabiá, a aroeira e a janaguba”.

Repasar os conhecimentos agroecológicos tem sido uma prática recorrente na comunidade – mesmo para aqueles que não estão participando diretamente do projeto Florestação. Nas assembleias e reuniões da juventude as experiências adquiridas nos módulos do curso de formação de multiplicadores/as em manejo sustentável de agroecossistemas são compartilhadas. “Desde criança aprende. Os pais ensinam e assim as crianças vão aprendendo”, comenta José Rosa Virgínio sobre a passagem de conhecimento na comunidade.



E um ensinamento que tem reverberado entre os Tremembé é a preservação das espécies nativas como o murici e o batiputá. Todo ano, no mês de janeiro, os Tremembé realizam a Festa do Murici e do Batiputá com o intuito de celebrar a cultura indígena, reafirmar a resistência na luta pela terra e celebrar os dois frutos tradicionais da região. Do murici, além do consumo da própria fruta, se faz doce e suco. Já o batiputá é utilizado para a preparação de um óleo que tem fins tanto medicinais como alimentícios. Na comunidade foi instalada pelo projeto uma unidade de beneficiamento do coco, fruto também disponível com fartura na região, que o grupo acredita que será uma ótima oportunidade para unir ainda mais a comunidade.

“Quando eu ouço essa palavra Florestação...Vem de florestar. É uma palavra muito bonita. Florestar é fazer crescer cada dia mais a floresta, aumentar mais o meio ambiente”, afirma a jovem Fablina. E foi com esse intuito, de fazer crescer e fortalecer, que o povo Tremembé da Barra do Mundaú abraçou o Florestação e os conhecimentos agroecológicos.

Grupo Tremembé: Aldeson Rosa Veríssimo | Aurinete Carneiro de Castro | Dejacir Santos de Oliveira | Estevão Rodrigues Viana | Francisco dos Santos Januário | Francisco Ferreira Teixeira | Francisco Valdir Alves Roque | João Januário da Costa | José Cláudio Veríssimo de Lima | José Rosa Virgínio | José Silvestre do Nascimento | Julivan Veríssimo Rosa | Manoel Xavier Lima | Maria do Socorro Carneiro de Castro | Maurício Lima da Silva | Neusa Virgínio de Sousa | Paulo César Carneiro de Castro | Rafael Carneiro de Sousa | Raimundo Félix Rosa | Raimundo Veríssimo de Lima.



Natural da Terra



A EXPERIÊNCIA DE CHICO E MARIA PEQUENA

O agricultor Francisco Oliveira, conhecido na comunidade como Chico, vive juntamente com a esposa Maria Honorato, mais conhecida como Maria Pequena, nesse pedacinho de chão da comunidade Sítio Coqueiro, no Assentamento Maceió, onde tudo que se planta dá: roça, floresta, poesia e resistência. Chico se lembra de morar nessa terra desde o ano de 1958 quando ainda desfrutava da convivência dos pais. A família de Chico sempre trabalhou na terra, mas no tempo dos seus pais a terra tinha patrão e as famílias agricultoras tinham que se submeter às ordens dos que se entendiam como dono de terras e vidas.

Ainda muito jovem, Chico aprendeu a lida na agricultura com os pais. Tendo o pai ficado doente, foi a mãe, juntamente com os filhos, que assumiu a tarefa de semear a área que a família ocupava. Chico, hoje com 60 anos, lembra do vigor e disposição que a mãe tinha para trabalhar na agricultura e na época das farinhadas. Aquele tempo era tempo dos patrões e foi só com muita luta e organização, no ano de 1987, que a terra tornou-se assentamento. “Pra tudo a gente precisa ter paciência. Antes, naquela época dos patrões era ruim, não era bom não. Quando lá vem o INCRA... Comprou a terra, já melhorou. Aí lá vem o projeto Florestação... Já melhorou”, conta o agricultor sobre as mudanças que passou e as melhorias depois da terra ter se tornado assentamento.





O agricultor conheceu o projeto Florestação através do sobrinho Neném (Antônio Raimundo dos Santos) que é multiplicador em agroecologia através do Florestação. Chico, que já estava ficando convencido com a ideia de queimar cada vez menos a terra, se animou com a proposta de reflorestar e fortalecer seu Sistema Agroflorestal (SAF) com espécies nativas e frutíferas. “É um projeto que o pagamento é zelar pelo que é nosso. Zelar por uma coisa que eu vou colocar no futuro. Daqui uns dias o projeto Florestação vai me ajudar mais: meu terreno vai estar bem estrumado de folha, se eu precisar tirar uma estaca tem”, conta Chico.

Na agrofloresta da família a produção é variada! Podemos encontrar mamão, goiaba, limão, cedro, sabiá, pau d’arco, chichá, aroeira, urucum, murici, amora, palma, jucá, cajueiro, coco, banana, melancia, milho, feijão, jerimum, ata, mandioca, seriguela, acerola, catingueira, maxixe, entre outros. Chico lembra da importância de produzir alimentos para o próprio consumo, pois ao invés de ter que comprar a família tira o alimento da própria lavra. “E o meu desejo é plantar cada vez mais que é pra môde eu ter. Porque eu sei de onde vem! Esse que vem de fora vem com um adubo que a gente não sabe nem a qualidade. E o nosso adubo aqui é só o natural da terra”, explica o agricultor. Pensando em como a área da família vai estar daqui alguns anos, quando o SAF estiver ainda mais forte, a agricultora Maria Pequena dispara: “muita fruta pra comer”!



A experimentação e observação são princípios valiosos para o homem e a mulher do campo. É o “estudar com o pensar” do qual Chico fala ao explicar de como aprendeu que deixar folhas e tocos, a chamada cobertura vegetal, sobre o solo enriquece a terra. “O camarada que é analfabeto estuda com o pensar... Como é estudar com o pensar? Você tem um pé de cajueiro bem aculá, se eu não estudar como é que eu vou cuidar dele, pra ele melhorar a produção... Eu tenho que estudar, na minha cabeça, pensar como é que eu vou fazer ele melhorar. Aí é o caso. É o caso dos meus coqueiros. Eu imaginei”, conta sobre como imaginou uma forma de fortalecer coqueiros da área. A família utiliza a bucha de coco como cobertura vegetal, mas ao invés de deixar sobre o solo, enterram as buchas com uma camada fina de areia para que o molhado possa segurar por mais tempo nos coqueiros. E de caso em caso Chico e Maria Pequena vão fazendo florescer ao seu redor a esperança de dias mais fartos coloridos por um semiárido cheio de afetos, cheiros e sementes de um novo amanhã.





No quintal agroflorestal brota diversidade

A EXPERIÊNCIA DE IOLANDA MARTINS

Num pedacinho do paraíso vive a agricultora Iolanda Martins, o marido Felipe Lourenço e a filha Mariane. Mas esse paraíso é daqueles reais, conquistado com luta, como foi o caso do Assentamento Maceió, em Itapipoca, onde vive a agricultora. Hoje Iolanda tem 29 anos e vive os frutos da luta pela conquista da terra que muitas outras mulheres, como a sua mãe Mariana Martins, protagonizaram nos anos 1980.

A terra onde fica a casa da família, na comunidade Barra do Córrego, tem o privilégio de ser cortada por uma lagoa fazendo com que Iolanda desfrute de um verdadeiro tesouro bem ali no quintal de casa. O amor pelas plantas Iolanda aprendeu com a mãe que além de agricultora é viveirista e sente a maior alegria quando vê uma casa colorida com variadas espécies. Quando se mudou com o marido para a área, Iolanda já pensava em colorir seu quintal: "Eu já ia plantar no meu quintal. A gente só colhe em casa se plantar. Não pode esperar cair do céu. Mas como veio esse projeto [Florestação], Ave Maria! Esse caiu do céu, foi uma benção".





As espécies que já tinham na casa como coqueiro, paraíba, pitomba, mamão, cajá, goiaba, acerola, graviola, bananeira, ata, milho e feijão, ganharam a companhia de plantas como o sabiá, aroeira, chichá, mofumbo, urucum e carnaúba que enriqueceram o quintal agroflorestal da família. “Era um quintal vazio e vai ser um quintal cheio de plantas. Vai ser uma diversidade no meu quintal”, comemora a agricultora. Uma das maiores satisfações de Iolanda é cuidar das plantas e observar o desenvolvimento de cada uma delas. E para que as mudas pudessem se desenvolver foi preciso o cuidado e a determinação que são qualidades de toda agricultora experimentadora. No período do verão, onde as chuvas são escassas no Semiárido, Iolanda usou a técnica do gotejamento com garrafa pet para que as mudas não sofressem com o excesso de calor e a falta d’água – conhecimento que aprendeu com sua mãe, Mariana. É com a mãe e com a irmã Bete, que também fazem parte do Florestação, com quem Iolanda mais troca conhecimento agroecológico. A cobertura vegetal, ensinamento que aprendeu nas práticas do Florestação, também foi uma ação essencial para a sobrevivência das mudas.



O quintal agroflorestal é cuidado fundamentalmente por Iolanda, que tem a ajuda do marido de janeiro a junho, pois de junho a dezembro Felipe sai para o mar na época da pesca da lagosta. E as práticas agroecológicas brotam na história de Iolanda: bem próximo a cozinha da casa, a família fez uma experiência onde algumas espécies alimentares e medicinais foram plantadas em uma terra onde havia sido enterrada muita matéria orgânica como bagana e folhas, além de reaproveitarem a água utilizada na cozinha. O resultado é um canteiro com espécies como bananeira, pepino, berinjela, açafrão, malva e babosa que servem diariamente para o consumo familiar.

Na prática da agrofloresta, Iolanda dá exemplo em relação a preservação de sementes: atualmente já armazena sementes de milho e feijão, e pretende também guardar as sementes das outras espécies existentes no quintal. "Sempre quando a gente planta aqui a gente guarda o feijão pra plantar e o milho também. Se é pra gente comprar uma coisa lá em Itapipoca com agrotóxico dentro, que venha com veneno... Então, a gente guarda uma coisa orgânica e natural que além de ter consumido, a gente guardou pra plantar novamente. E a mesma coisa vai ser das mudas e das frutas, a gente vai guardar a semente pra replantar".



Tem agroecologia no cercado!

A EXPERIÊNCIA DE JOSÉ MARIA ALVES (ZEZÃO) E MARIA ZILDENE VIANA DE OLIVEIRA

Ao chegar ao quintal de José Maria Alves e Maria Zildene Viana de Oliveira a primeira visão é de um vermelho encarnado pulsando bem ali nas nossas vistas. São os pés de urucum, que muito em breve vão proporcionar o colorau, que recebem quem entra pra trocar dois dedos de prosa no quintal de José Maria, mais conhecido como Zezão, e Maria Zildene, que está localizado na comunidade Zé do Lago, em Itapipoca.

Zezão e Maria Zildene vivem na área que abriga casa e quintal há 20 anos. Da união nasceram os filhos Thales Leonardo (18 anos), Jesus Levi (15 anos) e Lara Maria Oliveira Alves (7 anos). Os pais de Zezão e Maria Zildene já trabalhavam na agricultura mas, como lembra o agricultor, a terra era trabalhada de forma diferente. “Na época tinha uma fartura de mata... O Zé do Lago era quase todo de mata nativa. Papai disse que tirou a madeira da casa do próprio quintal. Como tinha muita madeira, e pouco conhecimento, eles tocavam fogo pra limpar mais rápido. E hoje nós estamos trabalhando diferente. Naquela época era falta de conhecimento”, lembra o agricultor.





Dessa época o agricultor lembra que na mata havia muitos exemplares de plantas como pau ferro, catingueira, mofumbo, pitiá e murici-pitanga. A partir da participação no projeto Florestação, como multiplicado (grupo de agricultores que recebem a multiplicação do conhecimento em agroecologia socializada por outro/a agricultor/a da própria comunidade), Zezão acha que acordou e começou a enxergar que muitas plantas estavam sumindo da comunidade. “O Florestação alertou mais pras plantas que estão em extinção [na comunidade]. Por exemplo, a janaguba. Foi uma das plantas que o projeto me acordou. Ela quase não existe mais, mas ela é muito medicinal. Muita gente usa pra gastrite e como anti-inflamatório. Antes eu achava que era uma planta que não tinha fundamento porque não dava fruto. Outra planta que eu me atentei também foi a aroeira”, conta.

Maria Zildene lembra que o avô, João Anicete, já fazia agroecologia e nem sabia pois, ao contrário da maior parte dos agricultores da região, ele não costumava queimar e deixava a terra com bastante cobertura vegetal. “Quando eu me entendi no mundo, no cercado do meu avô ele não limpava muito e o pessoal chamava ele de preguiçoso. Lá tinha amora, cajá, azeitona, pitombero... Todo tipo de planta tinha. Ele não limpava, deixava tudo no chão: galhos, folhas. E eu cresci com aquilo ali. Só que eu achava que era preguiça dele (risos), porque ele já era velho. Não limpava, não queimava. E eu tenho um tio que é do mesmo jeito. Toda planta que ele vê se ele puder colher uma semente, ele colhe e planta. E eu trouxe a amora do cercado dele”, conta Zildene.



No quintal da família podemos encontrar, além de amora, urucum, carambola, maracujá, feijão, milho, acerola, limão, sapoti, seriguela, manga, coco, caju, graviola, caraúba, acácia, pau d'arco amarelo, roxo e rosa, além de muitas flores que são o xodó de Zildene. Para conquistar o quintal com a variedade que tem hoje, a família precisou passar pelo processo de transição agroecológica onde se convenceram que era preciso eliminar as queimadas e o uso de adubo químico. Para Zezão, um dos principais elementos que fortaleceram a transição agroecológica da família foram os intercâmbios de experiência. “Eu comecei a acompanhar e meu diferencial de acreditar mais nisso é porque eu tenho feito intercâmbios em outras comunidades. Isso foi uma das coisas que me deu muita força, além dos técnicos/as”, lembra.

A experimentação é também um elemento vivo no quintal da família que resolveu testar se o plantio com o solo coberto era realmente mais eficiente. “Aquele cajueiro só crescia e tinha pouco fruto. Aí pensei em aproveitar a planta de outra forma. Tentei e funcionou. Eu cortei o cajueiro e deixei, não queimei, tirei a madeira mais grossa e ficou só a ponta da madeira e a folha. Um ano depois eu plantei em cima da coivara sem queimar. Teve dificuldade pra nascer, devido as poucas chuvas, mas depois que nasceu tem diferença, segurou a umidade. A principal diferença é que ela cresceu mais rápido que a outra que eu plantei na terra descoberta. E quando a gente conferia a terra, a que estava coberta, era mais escura”, conta o agricultor sobre a experiência. A família agora pretende cobrir todo o solo do quintal com palha de coqueiro triturada para, como explica Zezão, “segurar mais o molhado e servir de adubo”.





As críticas e desafios sempre existem para os agricultores e agricultoras que trabalham a partir dos princípios agroecológicos. Os vizinhos por vezes olham com desdém e desacreditam que o plantio consorciado e com o terreno coberto vai dar certo. Chegam até a achar que é preguiça de limpar o terreno, mas, na verdade, é o/a agricultor/a agroecológico/a reproduzindo os ensinamentos da primeira e mais sábia professora: a natureza. "O que mais me chateava era quando me chamavam de sebo-so. Eu não digo nada não, deixo aí pra eles verem. Da diferença do meu cercado pro cercado deles. Um dia desse um cara chegou aqui e perguntou: Zezão como é que tu tá comendo feijão desse teu quintal debaixo de tanta planta? Eu plantei e deu feijão, deu milho. Por que? A terra foi cultivada de maneira correta", explica Zezão.



sonhos semeando um mundo real

A EXPERIÊNCIA DE MARIA LÚCIA DE SOUSA

Ter uma prosa com a agricultora Maria Lúcia de Sousa, 56 anos, é estar um pouco mais próximo da nossa ancestralidade. Os cabelos começando a ficar grisalhos, a fala mansa e firme, e sua tenacidade nos inspiram a partir da força de nossas ancestrais que muito lutaram na lida da terra e da vida. Lúcia, filha de agricultores que trabalhavam sob a vista do patrão, morou em diversas comunidades no município de Apuiáres: onde houvesse trabalho ali estava a família. Na área em que vive atualmente, onde está há 15 anos, na comunidade de Sabonete, no Assentamento São Pedro, em Apuiáres, Lúcia e sua família tem conseguido realizar diversas experiências a partir dos princípios agroecológicos.

A lida na terra a agricultora aprendeu com os pais e com as tias Joana e Maria, irmãs de sua mãe. Foi com elas que a agricultora viveu sua primeira experiência de plantio consorciado: as tias plantavam milho, milho da angola, gergelim, feijão, batata, amendoim, cajueiro, fava e algodão no mesmo espaço. “Eu achava muito importante o jeito que elas trabalhavam. Eu não saía de lá pra aprender e também porque eu adorava o beiju e a farinha que elas faziam”, relembra com alegria. A agricultora lembra também das dificuldades enfrentadas por quem vivia no Semiárido nesse tempo: “Dos 19 filhos que minha avó criou escaparam somente 6. Escaparam das secas de antigamente, porque antigamente tinha muita seca e muita dificuldade”, conta.





O plantio consorciado foi um dos aprendizados que a agricultora pode continuar a partir do Florestação. A cobertura vegetal, o incentivo a manter um viveiro de mudas e os ensinamentos sobre a prática da agricultura na agrofloresta foram algumas novidades que mudaram a forma de ver e fazer agricultura. “Eu tô empolgada porque tô vendo que é uma experiência tão boa. Ajuda a gente a pensar melhor na natureza, nas plantas, na importância que elas tem. Agora eu tô prestando mais atenção nas plantas, o tempo que ela vai levar pra crescer. Essas coisas assim”, conta Lúcia sobre a sua vivência no Florestação. No Sistema Agroflorestal (SAF) de Maria Lúcia podemos encontrar espécies como sabiá, angico, acerola, palma, pau branco, cumaru, umburana, cedro, gliricídia, margaridão, carnaúba, milho, feijão, jucá, pau mocó (amargoso), seriguela, capim, mandioca, batata doce e batata jerimum. Na área existe ainda criações de abelha italiana, jandaíra e cupira.

Maria Lúcia é agricultora multiplicadora do Florestação e teve a responsabilidade de repassar o conhecimento sobre os Sistemas Agroflorestais para as outras agricultoras da comunidade. “É meio difícil a gente convencer as pessoas. Mas através da experiência eu tenho ensinado a plantar as plantas grandes... O angico, que é uma planta grande, não pode plantar perto de outro angico. Tem que ter o espaço pra plantar uma outra planta: uma de alimento, um feijão, um milho ou até mesmo uma bananeira. E não tirar as plantas que já estão lá, pois as plantas ainda estão novas e precisam de sombra”.

Lembra ainda de outro elemento fundamental para o bom desenvolvimento do SAF: o manejo. “Daqui uns 5 anos um pé de sabiá já pode estar bem espalhado. Mas se não for muito perto um do outro não atrapalha. Taí esse meu sabiá...Se não fosse eu manejar estava numa largura doida. Eles cresceram os galhos pra cá, eu andei cortando. Se você manejar debaixo ele cresce pra cima. E aí você pode aproveitar ele pra estaca”, explica sobre o manejo na agrofloresta.

É com a filha Maria José de Sousa da Silva, de 18 anos, que a agricultora divide a maior parte do trabalho no campo e dos ensinamentos agroecológicos. Mazezinha, como é carinhosamente chamada, colabora com a mãe na lida com a terra e nos cuidados com o viveiro e a casa. “Ela tá pegando isso aí igual eu. Tá pegando e fechando na mão. A pessoa pra trabalhar com a terra tem que saber esperar o resultado”, afirma a mãe sobre o aprendizado de Mazé. Além da filha, Lúcia também conta com a ajuda do marido Chico e do filho Francisco.

Para Lúcia um dos aprendizados mais relevantes do Florestaão foram os conhecimentos adquiridos durante os intercâmbios de experiência. A agricultora destaca a vivência que teve com o povo Tremembé da Barra do Mundaú onde pode conhecer mais sobre a cultura alimentar indígena e entender o modo de vida da comunidade a partir da realidade local. A agricultora também já recebeu um intercâmbio de experiência em sua área. “Foi um sonho realizado. Nunca as coisas vinham pra cá. Por mais que a gente procurasse as coisas não vinham. Eu pensava: meu Deus, eu nunca vou receber um intercâmbio, nem ser beneficiada por nenhum projeto? No dia que disseram que o intercâmbio vinha pra cá eu fiquei não sei nem como”, conta a agricultora. São sonhos semeando um mundo real onde a agroecologia é o caminho para um outro mundo possível.



Guardiões da Biodiversidade



A EXPERIÊNCIA DE MARIA DA SILVA SOARES (MARIINHA) E
SEBASTIÃO RODRIGUES SOARES

Das raízes populares nasceu o amor de Mariinha e Sebastião. Das poucas andanças que as moças tinham permissão para fazer, como era a regra na juventude da agricultora, foi preciso somente um folguedo popular certo para que os caminhos se cruzassem. Sebastião e Mariinha começaram sua história no colorido de um reisado. Desde 1966, ano em que se casaram, vivem na mesma área, no Assentamento Escalvado, na serra de Itapipoca.

A agricultora Maria da Silva Soares, mais conhecida como Mariinha, é o que podemos chamar de uma alquimista da agrofloresta. Tem um amor incondicional pelas plantas, aprendeu com o pai a guardar sementes e com a avó as propriedades medicinais dos elementos da natureza – conhecimento que transformou nas populares garrafadas medicinais. “Nos matos me esqueço das coisas. Toda vida eu adorei planta”, conta Mariinha sobre o local preferido da casa. Juntou-se com Sebastião, que também cultiva um profundo amor pela natureza, e dessa união só poderia nascer um casal de agricultores experimentadores e guardiões da biodiversidade. São conhecidos na região por ter uma grande variedade de sementes crioulas armazenadas. Entre dezenas de garrafas estão preservadas mais de 20 variedades de sementes crioulas como o arroz, milho, fava, feijão, algodão, janaguba e catingueira.



O Florestaço veio para agregar conhecimentos na prática já tão sensível de Mariinha e Sebastião. Os conhecimentos e práticas sobre agrofloresta, ou Sistema Agroflorestal (SAF), como eles preferem chamar, pode enriquecer a área da família. “É um quintal que tem filhos”, como conta seu Sebastião sobre as áreas verdes que foram se multiplicando no entorno da casa. “Cada um de nós era pra ter um quintal desse daqui. Mas precisa ter fé. Quando a gente ganha as coisas... Nunca pode ganhar, colocar na boca e engolir logo. Tem que dar um grau”, continua o agricultor sobre o trabalho na terra. “É preciso multiplicar”, acrescenta Mariinha.

Multiplicar é uma palavra central na agroecologia. E Mariinha e Sebastião se tornaram verdadeiros multiplicadores dos conhecimentos e práticas agroecológicas. Na agrofloresta da família existem espécies como leucena, mutamba, aroeira, amora, gonçalo alves, pau d’arco, ata, seriguela, mamão, urucum, sorgo, laranja, tangerina, fava, milho, feijão, macaxeira, jerimum, bananeira, gliricídia, sabiá, arroz, janaguba, catingueira, cedro, angico, jurema preta, jenipapo, torém, pajeú e goiaba. E onde tem semente Mariinha procura sempre juntar para poder selecionar e, em seguida, armazenar. Tarefa que aprendeu com o pai que guardava as sementes em garrafa de vidro, lata de querosene ou cabaças – que ele mesmo produzia a tampa e fechava com cera de abelha. A diversidade da agrofloresta se reflete na alimentação da família que deixou de comprar muitos produtos porque já tinham produção suficiente para o autoconsumo. “Muita coisa hoje eu não compro, tiro do quintal. Já tenho pro consumo de casa, já é bom! Se eu quiser colorau tenho meus pés de urucum, se quiser um suco tenho goiaba, seriguela”, explica a agricultora.



A solidariedade é também vastamente praticada no universo camponês. Prova disso são os intercâmbios de experiência onde agricultoras e agricultores podem observar e debater a partir da experimentação agroecológica. Sempre que vão pra algum intercâmbio tem na bagagem de volta uma muda ou semente pra enriquecer ainda mais a diversidade do quintal. E é nessa solidariedade que algumas sementes tem sido resgatadas, é o caso de uma qualidade de milho que a família tinha perdido por conta do inverno escasso e conseguiu recuperar através de uma agricultora que compartilhou o tesouro que tinha em mãos para que ele crescesse e multiplicasse. E assim Sebastião e Mariinha vem fazendo: crescendo, multiplicando e fortalecendo os conhecimentos e práticas agroecológicas a partir de uma vida dedicada a semear e preservar a rica biodiversidade do Semiárido.





Um quintal de alegria, experiência e amizade

A EXPERIÊNCIA DE IVÂNIA INÁCIO

Maria Ivânia Rocha Inácio, de 51 anos, é filha de Amontada. Cresceu na terra, com os pais agricultores, a quem ajudava a plantar e colher a produção juntamente com os irmãos. Apesar das raízes no interior do Ceará, Ivânia foi para São Paulo aos 17 anos buscando novas oportunidades. Na cidade grande nada de agricultura. A vegetação lá era outra, feita de altas construções de concreto. Após 34 anos vivendo em São Paulo, Ivânia volta para casa por conta do pai que está adoentado.

Voltar a viver no campo trouxe diversos reencontros para Ivânia, e um deles foi o retorno para as raízes que um dia cultivou na agricultura. No começo um pouco de estranhamento, afinal, se passaram muitos anos que deixaram a prática enferrujada. Mas, pouco a pouco, foi rebrotando a agricultora e Ivânia foi pegando gosto pelo quintal e se relacionando com a natureza pelo prazer. Atualmente, já são 4 anos nessa relação de aprendizado diário entre mulher e natureza. Das surpresas que a terra natal reservou, estava a participação no projeto Florestação.





Ivânia é do grupo de agricultoras e agricultores que recebem a multiplicação do conhecimento em agroecologia através de outros agricultores e agricultoras. Na comunidade de Córrego do Augusto, as agricultoras multiplicadoras Toinha e Jurema deram início a essa rede onde existe muita troca de conhecimento e experiência. Foi-se formando uma rede de solidariedade entre as agricultoras que participam do Florestação através de reuniões onde trocavam experiências. “Quando reuníamos as pessoas a gente trocava ideia. Aprendi muita coisa com a Toinha que é multiplicadora do projeto e tem bastante experiência. Trabalhamos nos quintais um do outro, fizemos mapa das áreas”, conta a agricultora sobre a experiência coletiva da comunidade a partir do Florestação. Além da troca de conhecimentos, ficou a amizade: sempre que precisa de alguma planta medicinal que não tem em casa Ivânia recorre ao quintal de Toinha.

Para Ivânia, o bom mesmo era deixar o terreno limpinho: sem folha, galho ou qualquer outra matéria orgânica que fosse sinal de “sujeira”. “Eu queimava tudo. Eu gostava de limpeza absoluta. Achava que isso era perfeito pras plantas. E não é. Aprendi com o projeto que isso não é importante nem pra terra, nem pras plantas”, relembra Ivânia sobre o aprendizado de manter a cobertura vegetal na terra. E complementa: “O importante é pegar os galhos, as folhas... Ao podar uma planta deixar os galhos para que ela possa se decompor [na terra]. Isso é muito bom. Pra mim é uma escola maravilhosa [o projeto]”.



Nesse processo de aprendizagem, Ivânia foi deixando de ser a “mulher que chegou da cidade grande” para se tornar uma agricultora experimentadora. Escutava e anotava atentamente os conhecimentos agroecológicos compartilhados e partia para a experiência no seu próprio quintal. “Deixava uma planta descoberta, outra coberta para ver a diferença. A planta descoberta gastava mais água. A coberta gastava menos água, ficava mais úmida, se desenvolve melhor... Ela fica mais bonita que as outras, se desenvolve mais, a folhagem fica mais bonita... tudo. E isso é em relação a todas as plantas”, relembra sobre a experiência que fez em deixar cobertura vegetal ao redor das mudas.

Atualmente existem no quintal de Ivânia aproximadamente 180 plantas que são, em sua maioria, frutíferas. São espécies como cajueiro, bananeira, maracujá, acerola, graviola, limão, laranja, seriguela, mamão, tamarindo, jambo, mexerica, murici, azeitona, manga, coco, urucum, ata, romã, babosa, milho, amendoim, coentro, cebola, alface, rúcula, none, malva, tomate cereja, erva cidreira, capim santo e boldo. No quintal de casa, Ivânia plantou sementes que germinaram e já começam a dar frutos em forma de cultura alimentar, experiência, conhecimento e amizade.



A agrofloresta da esperança

A EXPERIÊNCIA DE INÁCIA PATRÍCIA E EMANUEL DE SOUSA

Na comunidade do Jenipapo, em Itapipoca, a agricultora Inácia Patrícia do Nascimento, de 35 anos, plantou e vem colhendo frutos de uma história de perseverança, aprendizado e luta. A família formada por Inácia, o marido Marcos Emanuel de Sousa (40), e os filhos Emamoela do Nascimento Sousa (16), Wellington do Nascimento Sousa (15), Wesley Hermínio do Nascimento Sousa (13), Hércules Vicente do Nascimento Sousa (8) e Luiz Emamoel do Nascimento Sousa (6) passa pelo processo de transição agroecológica e cuida da terra, cada um com tarefas específicas de acordo com a idade, com muito zelo e carinho. Mas nem sempre foi assim.

Inácia é multiplicadora em agroecologia do Florestação, e como multiplicadora participou do curso de formação em multiplicadores/as em manejo sustentável de agroecossistemas, viajou para intercâmbios de experiências e participou de diversas reuniões, atividades costumeiras entre agricultoras e agricultores que adotam os princípios agroecológicos para a vida. Mas toda mudança encontra dificuldades e no caso da agricultora, a primeira dificuldade ela teve que enfrentar em casa mesmo com a resistência e a reprovação do marido com tantas saídas. Mesmo com a desaprovação do marido, Inácia, que já participava de reuniões do movimento de mulheres da comunidade, não desistiu e resolveu seguir em frente como agricultora multiplicadora. O marido Emanuel foi convencido com





a experiência e a desenvoltura de Inácia. Foi a defesa das plantas e ver o movimento de aprendizado de Inácia com o Florestação que fez, pouco a pouco, com que o marido começasse a mudar de opinião, conta a agricultora que hoje tem em Emanuel o principal companheiro de trabalho.

Resolveram aproveitar cada pedacinho do quintal de casa para fazer alguma coisa boa. “A gente veio mudar mesmo depois que eu entrei no Florestação”, conta a agricultora sobre o processo de transição agroecológica. Antes do projeto, queimar e brocar a terra ainda eram práticas comuns na vida da família. E com a mudança da família, assim como aconteceu com Inácia primeiramente, veio a desconfiança dos parentes. Inácia conta que os parentes quando viam que ela e o marido não iam queimar o terreno logo disparavam: “Você tá doido, Manoel? Não vai queimar?! Parece até que é doido ou abestado... Isso é coisa de gente besta”. Mas quando a agroecologia atinge na raiz, ela transforma as relações: entre pessoas e natureza, entre casais, entre pais e filhos, entre famílias. Inácia e Emanuel estavam convencidos que a melhor forma de trabalhar era a partir dos princípios agroecológicos, e assim seguiram. “Nossa área é pequena, mas em cada pedacinho nós vamos fazer algo acontecer”, afirma Inácia com alegria.



Na área da família tem canteiro de legumes e verduras, plantas medicinais, galinheiro, criação de porcos, viveiro de muda e uma agrofloresta, também conhecida como Sistema Agroflorestal (SAF). “Eu fui lá no SAF apanhar feijão, que eu achei que quase não tinha mais porque já tinha dado bastante, e voltei com um monte. Fiquei surpresa”, conta Inácia sobre a experiência do plantio consorciado. Anteriormente o maior problema da família era a escassez da água mas, apesar do inverno fraco, a cisterna de primeira e segunda água da família está cheia e dando conta de fornecer água para uso doméstico e produção. A área abriga espécies como caju, ata, graviola, margaridão, goiaba, abacaxi, sabiá, pau d’arco, manga, gergelim, tamarindo, seriguela, carambola, murici, feijão, milho, macaxeira, mandioca, jerimum, maxixe, cedro, aroeira, angico, umburana, caraúba, chichá, crotalaria, gliricídia, maracujá, urucum, mamão, jenipapo, pimentão, tomate cereja, cebolinha, cheiro verde, pimenta, batata doce, coco, laranja, hortelã, boldo, marmeleiro, batiputá, entre outras. “A meta não é exportar para os Estados Unidos e sim ter para a minha família. Eu me sinto honrada em praticar a agroecologia”, conta Inácia.

Uma das preocupações da agricultora como multiplicadora em agroecologia é de ser exemplo na própria comunidade. “Como é que pode ser uma multiplicadora se queima e polui a área? Se eu poluo a minha área, também poluo a do outro”, reflete. E foi através do exemplo também que a família começou a desenvolver suas próprias mudas. O pequeno viveiro foi iniciativa de Emanuel que, depois de ver um viveiro na casa dos também agricultores Aderbaldo e Conceição, resolveu tentar. Atualmente são produzidas mudas de ata, jenipapo, murici, graviola, laranja, hortelã, manjerição e jatobá.





Depois da participação no Florestação, Inácia e Emanuel começaram a fazer parte da Feira Agroecológica e Solidária de Itaipoca onde, de 15 em 15 dias, comercializam produtos como tapioca, galinha torrada e abatida, bolo de milho e batata, jenipapo, feijão maduro, batata doce, macaxeira, coco, ovo, molho de pimenta, pimenta de cheiro, farinha e mudas. Da convivência com os consumidores da feira, Inácia e Emanuel sentem a confiança que as pessoas depositam nos produtos agroecológicos por representarem uma possibilidade de alimentação saudável e a preço justo. Com os conhecimentos agroecológicos e as práticas agroflorestais, Inácia aprendeu também a cultivar esperança: “Vai custar, mais um dia a gente quebra isso de desmatamento, da queimada e do veneno”.



Ver para Creer - a descoberta da agrofloresta

A EXPERIÊNCIA DE CLEONEIDI BARBOSA

Na comunidade Jandaíra II, localizada no Assentamento Várzea do Mundaú, no município de Trairi, vive a agricultora Cleoneidi Barbosa da Conceição, de 39 anos, juntamente com o marido José Valdemir do Nascimento (40) e os filhos Défolly Barbosa Rodrigues (17), Francisco Flay Barbosa da Conceição (15) e José Flávio Barbosa do Nascimento (13). O nome da comunidade é inspirado na abelha que é uma das mais importantes produtoras de mel e pólen e com uma ativa ação de polinizar as plantas no Nordeste brasileiro. Assim como as abelhas, que ajudam a reflorestar áreas do Semiárido, o projeto Florestação chegou no Assentamento Várzea do Mundaú com o intuito de construir junto com agricultoras e agricultores conhecimentos e práticas agroflorestais.

Cleoneidi, que é multiplicadora em agroecologia pelo Florestação, ficou meio desconfiada dessa história de agrofloresta no começo do projeto: “Eu achava que era conversa, mas eu vi que não. Quando a gente conhece é que sabemos que é verdade”, conta sobre como os intercâmbios de experiência foram fundamentais para a sua formação como agricultora multiplicadora. Dos intercâmbios que participou, ficaram marcadas para Cleoneidi as viagens para as áreas do agricultor Vilmar, em Exu – PE, e dos agricultores Aílton e Maria, em Rio Formorso – PE. “A partir dos intercâmbios foi possível acreditar”, complementa Cleoneidi sobre a troca de experiência.





Na área da família onde hoje é o Sistema Agroflorestal (SAF) só existia areia, como lembra a agricultora. O plantio consorciado, que é a ideia de se cultivar numa mesma área espécies variadas, foi um dos conhecimentos que Cleoneidi passou a aplicar na própria área e multiplicar para Luiza, Vilani e Rita, agricultoras da sua comunidade que também fazem parte do Florestação. Antes a queimada era uma prática constante, afinal, o importante era deixar o terreno “limpo”. Se apropriando cada dia mais das práticas agroecológicas, Cleoneidi conta que descobrir a importância da cobertura vegetal para a terra fez muita diferença no seu trabalho diário: as folhas que antes eram destruídas hoje servem para cobrir e adubar o SAF. O que antes era apenas areia tornou-se um espaço que salta aos olhos com variadas espécies frutíferas, nativas e que cumprem a função de alimentar a família, os animais e o solo.

A agricultora, que começou o trabalho na agricultura com os pais, lembra da mata fechada formada por espécies nativas que existia quando era criança. Hoje Cleoneidi se preocupa em manter, além do SAF e do quintal produtivo, uma pequena área de conservação com espécies nativas da região. Na área da família é possível encontrar espécies como aroeira, cedro, pau d’arco, carnaúba, pajeú, gliricídia, margaridão, leucena, urucum, limão, cajueiro, catingueira, mororó, mofumbo, pau ferro, marmeleiro, feijão, milho, mandioca, jerimum, maxixe, banana, acerola, mamão, berinjela, tomate, cebolinha, pimentão, coentro, além de animais como galinha, porco e capote.



O trabalho no agroecossistema da família permite boa alimentação em casa e ainda produção para se comercializar. Há um ano Cleoneidi vem participando da Feira Agroecológica e Solidária de Trairi onde comercializa produtos como bolo de macaxeira e de batata, colorau, grude, pé de moleque, pimenta malagueta, carimã, ovos, galinha abatida, banana, acerola, limão e maxixe. Sem contar que a família comercializa as hortaliças também na própria comunidade. Tudo produzido no quintal de casa a partir de princípios agroecológicos: longe de veneno e de transgênicos.

Cleoneidi tem orgulho da terra que cultiva, dos conhecimentos que conquistou e que compartilha com outras mulheres de sua comunidade. A agricultora sabe que a vida da mulher camponesa tem muitos desafios para serem enfrentados, mas ela não baixa a cabeça e vai trilhando dia após dia uma caminhada firme e cheia de exemplos da resistência das mulheres do Semiárido.





Agroecologia na teoria e na prática

A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE PURÃO - TRAIRI

O Semiárido nordestino é lugar de povo experimentador e criativo – os agricultores e agricultoras da região estão sempre inventando algum jeitinho para conviver melhor com a terra em que habitam há séculos. A observação e a experimentação são elementos chave para formar a agricultora e o agricultor que adotam os princípios agroecológicos na sua forma de viver. Na comunidade do Purão, no Trairi, o Florestação envolveu dez famílias agricultoras que passaram a resgatar práticas que estavam adormecidas na comunidade. “O trabalho em grupo não era tão comum, antigamente se fazia mais, mas no Florestação o grupo montou muitas cercas junto”, conta o agricultor multiplicador Moacir Jerônimo Lucas sobre a volta do trabalho em mutirão.





Quando o assunto é queimada a história sempre começa de forma parecida em todas as comunidades do Território Vales do Curu e Aracatiaçu. Muitos agricultores e agricultoras acreditam que a terra se torna mais produtiva ao queimar e ainda associam o ato com limpeza e organização. No entanto, as agricultoras e os agricultores que trabalham a partir dos princípios agroecológicos já perceberam que queimar não é a melhor saída. E para se convencer disso, a observação é forte aliada como conta a agricultora Maria José Lucas de Sousa: “Eu quando plantava em dezembro fazia uma limpeza tão grande no cercado... Eu não queria ver uma folha lá. Na hora que criava [folha] eu queimava de novo. A partir do ano passado eu não queimei mais! Porque aquela folha sustenta a água na terra. Lá em casa nós plantamos naquela primeira chuva que deu, acho que foi janeiro, e onde tinha folha de cajueiro escapou tudinho! E o resto morreu porque não tinha folha. Aí foi que eu descobri. E eu não queimo mais”.

Nos Sistemas Agroflorestais (SAF) do Purão podemos encontrar plantas como sabiá, pau d’arco, cedro, aroeira, janaguba, graviola, gliricídia, carnaúba, pajeú, margaridão, mamoeiro, acerola, maracujá, goiaba, ata, laranja, tamarindo, abacaxi, seriguela, milho, feijão e fava. Para o grupo de agricultores/as o elemento de mais força deixado pelo Florestação na comunidade é o conhecimento. “O projeto incentiva a resgatar práticas incentivando a tratar a terra de forma diferente: sem veneno, trabalhando a agroecologia e a importância de uma alimentação saudável. Preservar tanto as plantas como animais. Quando se joga veneno nas áreas vai poluir de uma maneira geral e não só onde se joga o veneno”, afirma o agricultor multiplicador Célio dos Santos.



Os intercâmbios de experiência são apontados pelo grupo como uma atividade fundamental para que os agricultores e agricultoras que estão em transição agroecológica possam acreditar que o trabalho a partir da agroecologia é também viável na prática. “Com os intercâmbios os agricultores comprovam que realmente a agroecologia dá certo na teoria e na prática. É uma questão de tempo”, afirma Célio.

O respeito à terra, o conhecimento sobre práticas agroecológicas como o plantio consorciado e espécies nativas do Semiárido foram questões que marcaram a trajetória dos agricultores e agricultoras do Purão no Florestação. Espécies como a aroeira, que quase não existiam mais na comunidade, foram replantadas a partir do projeto. “Esse projeto trouxe muita paz tanto para nós como para a terra”, afirma Moacir sobre a experiência.

Grupo do Purão: Antônio Moacir Jerônimo Lucas | Aurília Nunes de Sousa | Evaldo Nunes de Sousa | Francisco Carneiro dos Santos | Francisco Carneiro dos Santos | Francisco Célio dos Santos | Francisco Rufino Alves | João Jerônimo Lucas | Maria José Lucas de Sousa | Maria Ormezina Carneiro de Sousa.





Florestação em números

Famílias atendidas:

289 diretamente e 2.935 indiretamente.

Quantos multiplicadores? Quantos multiplicados?

60 agricultores/as multiplicadores e 229 agricultores/as multiplicados.

Quantos ha de SAF? Quantos ha de conservação?

147,95 ha de SAF;

60 ha de quintais agroflorestais;

133,71 ha de conservação.

Quantas mudas distribuídas e plantadas?

220.000 mudas - entre áreas de implantação e nas áreas de educação ambiental.

Quantas pessoas foram atingidas direta e indiretamente com as ações de educação ambiental?

4016 pessoas atendidas diretamente e 7.903 indiretamente.

Quantos módulos de formação?

8 módulos na 1ª etapa e 8 módulos na 2ª etapa - restando somente 1 na 2ª etapa.

Quantos intercâmbios de experiência?

2 intercâmbios intermunicipais;

2 intercâmbios interestaduais;

32 intercâmbios de trocas de experiências nas comunidades.



Expediente

Agricultura na Floresta

Caderno de Sistematizações do Florestação

Equipe técnica do projeto Florestação

Amanda Sampaio | Cássia Pascoal | Damiana Moizéis | Erika Bley | Giulianne Cidade | Gleyciane Teles | Luis Eduardo Sobral | Ilanir Rodrigues | Ivan Melo | Ivanilde Damasceno | Karla Cavallante | Jovelina Gomes | Mariana Aquino | Neila Santos | Odevandro Menezes | Raimundo Nonato Gomes | Regilane Alves | Sérgio Veríssimo | Stéfano Ilha

Fotografia

Amanda Sampaio
Elitiel Guedes

Projeto gráfico e diagramação

Giulianne Cidade

Texto

Amanda Sampaio

Impressão

Expressão Gráfica

Tiragem

1000





florestação

Realização:



desenvolvimento, sustentabilidade e solidariedade

Patrocínio:



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA